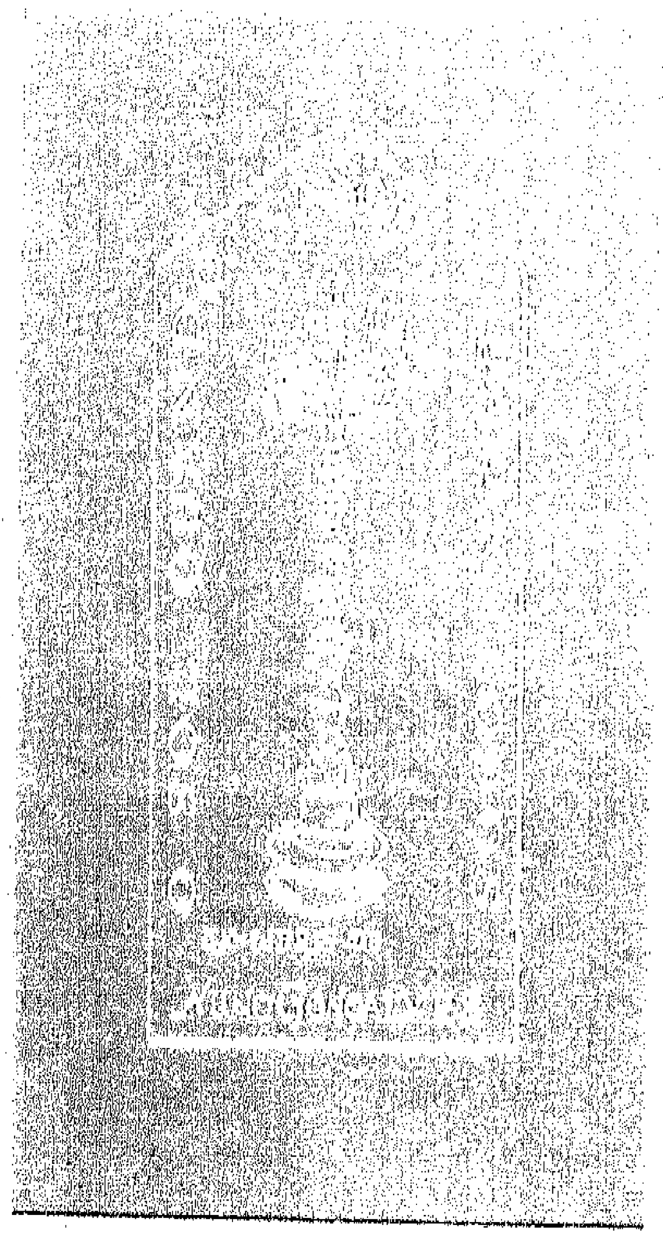


GÉNESE E SEQUENCIAL DA GENEALOGIA E HERÁLDICA DO TÍTULO *CÔRTE - REAL*

SEPARATA DO «BOLETIM CULTURAL»
DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
VOL. XXXIV - FASCS. 3-4

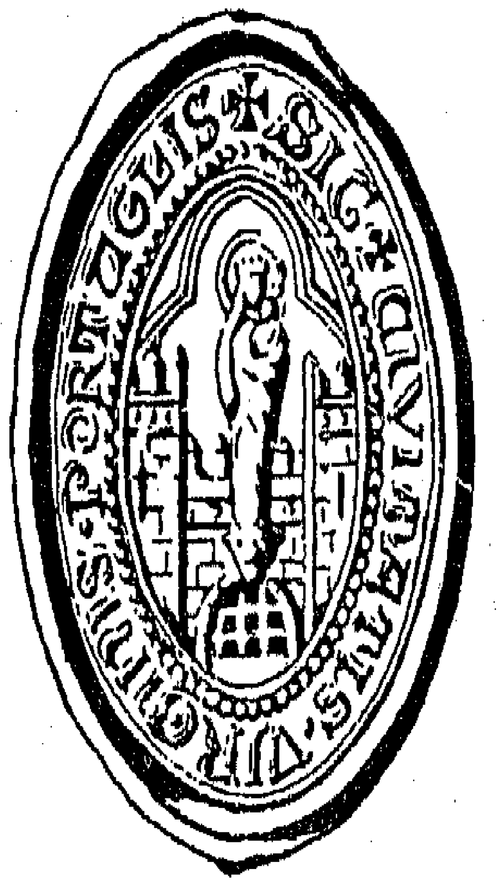
Com o mais reconhecido agradecimento pelo seu confrade, na Sociedade de Geografia de Lisboa, — Nuno Gonçalves — a quem muito admiro pela sua cultura, com homenagem do

Lisboa, 25/IX/74.

João Afonso Côrte-Real

JOÃO AFONSO CÔRTE-REAL

GÉNESE E SEQUENCIAL DA GENEALOGIA E HERÁLDICA DO TÍTULO CÔRTE-REAL



PORTO
MCMLXXIII

Composto e impresso nas oficinas Gráficos Reunidos, L.da — Porto

DEZEMBRO — 1973

UMA FAMÍLIA AO SERVIÇO DA NAÇÃO

PERSUADIDOS os portugueses da envergadura moral e do valor guerreiro do Mestre de Avis viam nele o melhor defensor do Reino, razão por que, em momento difícil para a vida da nação, acertadamente o escolheram como regedor e defensor de Portugal.

Temia-se então que, como tanto se propalava, o nosso território fosse invadido pelos castelhanos e havia portanto de contrariar-se a pretendida ousadia.

Entretanto, o Mestre de Avis tornava sólidas as imensas simpatias de que, como bem sabia, dispunha e tinham a máxima importância para o que desse e viesse.

Hábil foi todavia a preocupação de alicerçar-se a política portuguesa no apoio concedido por Ricardo II, de Inglaterra, para impedir a invasão dos castelhanos, o qual, embora não fosse substancial, ajudou com um reforço o exército português.

Outra figura histórica, das mais notáveis, surgiu por esta época — Dom Nuno Álvares Pereira — e com o apoio persistente do Doutor João das Regras propiciaram de maneira decisiva o que seria uma realidade: a aclamação do Mestre de Avis, como Dom João I, Rei de Portugal.

Nestas andanças já muito se movimentaram os antecessores da família Côrte-Real.

*

* *

CÔRTE-REAL era, por assim dizer, o conjunto das personalidades residentes com o monarca ou até os que, por força das circunstâncias, andavam ao seu redor. E, embora houvesse grande número de servidores, o rei tomava muito em consideração a conduta de cada um e, na primeira oportunidade, distinguia quem melhor o atendia. Deste modo, o louvor merecido constituia sempre um digno conforto moral.

Neste caso específico e em sentido preambular, procuraremos, embora a traços bastante largos, descrever algo do sobreviver da família Côrte-Real, desde o século quinze a inserir-se nos Nobiliários Portugueses.

Estirpe oriunda do antigo e denominado Reino do Algarve, foi seu primeiro membro Vasque Annes da Costa «Côrte-Real», conforme nos habilita a transmitir o cronista Fernão Lopes, do seu registo: Crónica do Rei Dom João I (parte I, capítulo 159, pág. 313).

Aceite como distinção de honraria, há contudo um testemunho que, por vir a propósito deste assunto, aproveitamos pois se trata dumas alusões à sua própria família narradas em verso por Jeronymo Côrte-Real, que, vertido no mármore imortal, se pode admirar, em Lisboa, na praça de Luiz de Camões, no monumento ao famoso épico.

Da citada obra poética ressalta, por exemplo:

«Aquelle em Portugal antigamente
Já Vasqueanes da Costa foi chamado,
Do corpo, e membros forte, muy valente,
De coração feroz, e animo ousado:
De geração antiga descendente,
Fronteiro mór do Algarve intitulado;
Era também, (que nada então tho tira)
Alcaide mór de Silves, e Tavira.

Frontal armoriado de Moura Côrte-Real que se destinava ao altar-mor da Igreja de São Bento da Saúde, construção que está soterrada nos jardins do Palácio de São Bento, hoje Assembleia Nacional.

Ora, quanto ao nosso poeta, devemos acrescentar, como elucidação pertinente, a existência de dois folhetos intitulados: «Subsídios para a biografia do poeta Jeronymo Côrte-Real» por A. F. Barata e «Jeronymo Côrte-Real novos subsídios para a sua biografia» por Henrique Freire.

No entanto, Jerónymo Côrte-Real deixou-nos obras como o «Segundo Cêrco de Dio, estando D. João de Mascarenhas por capitão da fortaleza», «Austríada», ou «Vitória de D. Juan de Āustria en el golfo de Lepanto», «Naufrágio de Sepúlveda» e «Auto dos quatro novissimos do homem», no qual entra também uma «meditação das penas do purgatório», trabalhos realizados, conforme se depreende, numa ambiência «rodeada da consideração dos seus contemporâneos».

Ainda versejando com intento proporciona-nos elementos de interesse, razão por que não nos esquecemos de referí-los e assim diz:

«Côrte, em que tal varão costuma achar-se,
Que em preço, e alta fama assi a enriquece,
Sempre Côrte-Real deve chamar-se,
Pois com tão justas causas o merece:
E pois que só por vós pode affirmar-se,
Que meu estado, e Côrte se ennobrece,
Fique Côrte-Real vosso appellido,
Pera que tal valor seja sabido».

Como se está apreciando, Jerónymo nutria por seu trisavô notável admiração que aliás bem a revela nestes seus versos do canto XIII do Naufrágio de Sepúlveda, obra sua já citada.

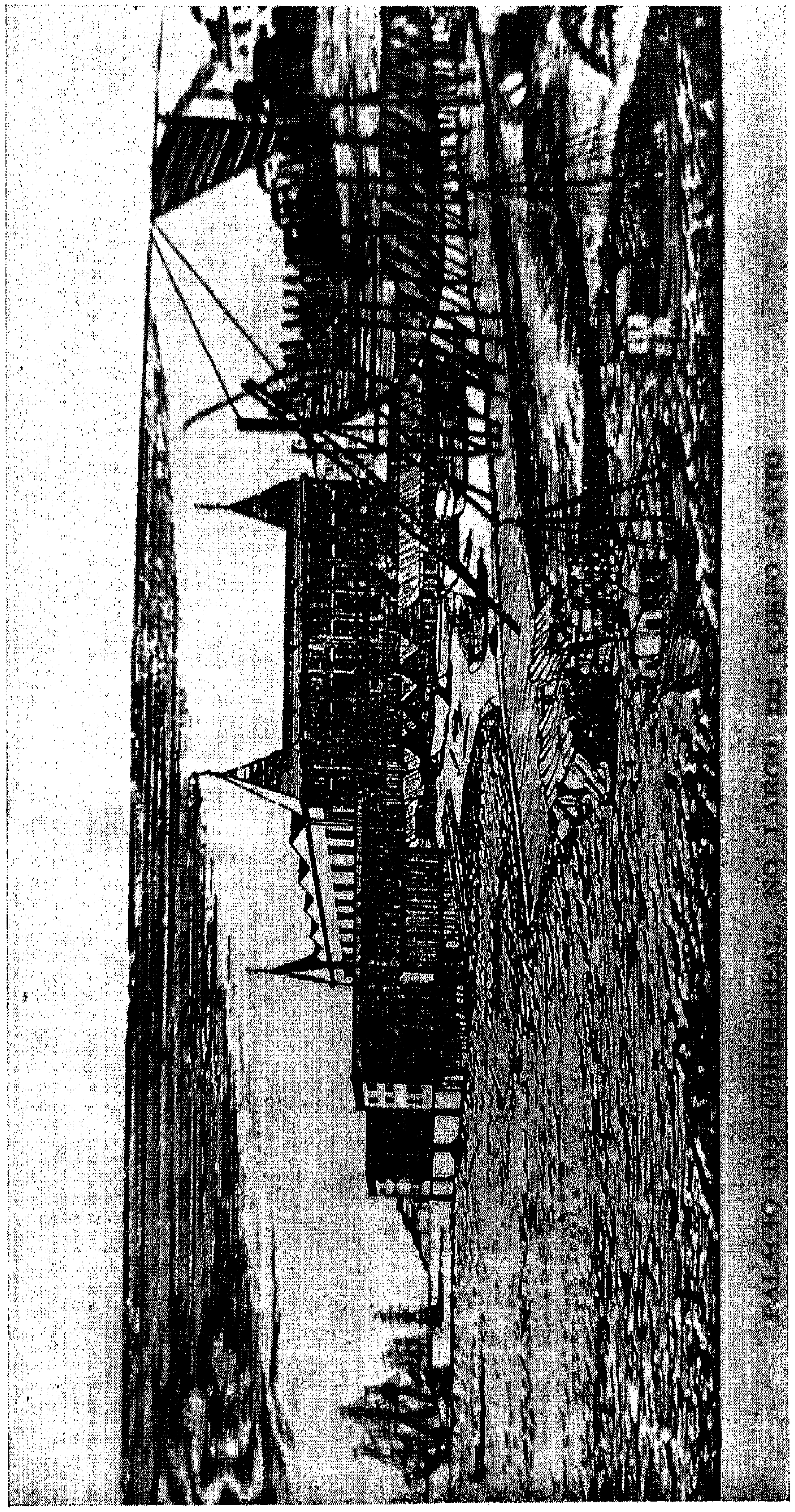
Agora, com referência ao rei Dom João I compôs como segue:

«Quando este forte Rei Cepta tomou,
Este varão illustre foi primeiro,
Que à pura força o alto muro entrou,
Hum mouro valentissimo encontrou,
Escolhido entre mil por mais guerreiro,
Que o braço, e largo alfange levantado:
O acomete com furia, e denodado».

Também nos parecem de considerar as informações históricas prestadas por Gomes Eanes de Zurara, na sua Crónica da Tomada de Ceuta por El-Rei Dom João I, que, a bem dizer, se trata de uma continuação à Crónica de Fernão Lopes, refere na parte III, capítulo 71, pág. 208, que «na tomada de Ceuta», ou seja portanto no ano de 1415, «o infante Dom Duarte saltou em terra com Vasque Annes Côrte-Real e outros. E, batalhando com os mouros que estavam na praia os fizeram recolher à praça pela porta de Almira, e o primeiro homem que foi dentro com elles, foi Vasque Annes Côrte-Real», facilitando com sua ousadia a tão desejada vitória da nossa penetração no norte de África.

Não hesitou Francisco Soares Toscano, já escritor do século dezassete, de no seu livro «Paralelos de Princípios e Varões Ilustres Antigos, a que Muitos da Nossa Nação Portuguesa se Assimilharam em Suas Obras, Ditos e Feitos, Com Origem das Armas de Algumas Famílias deste Reino», inserir no rol dos nomes dos célebres Doze de Inglaterra a Vasque Annes Côrte-Real como valoroso cavaleiro.

Tratando-se este simples escrito de uma espécie de exórdio a trabalho de maior fôlego, apenas, sem cuidados cronológicos, nem exageros genealógicos, mas dando porventura um aparato de carácter generalizado à matéria de que se trata, procuraremos alegra-lo também com umas notas heráldicas outras vezes políticas.



Palácio do Côrte-Real no actual largo do Corpo Santo, em Lisboa, vendo-se a par o estaleiro da construção naval.

Solar da família Côrte-Real, em Angra do Heroísmo. Um aspecto da fachada Sul, onde se encontra a entrada principal do edifício.

Quer isto tudo dizer que, na índole principal desta publicação, se vai deparar com o aparato resultante da vida marítima desempenhada desde João Vaz da Costa Côrte-Real, outra faceta muito saliente da mesma família, no seu concurso para os descobrimentos geográficos sobretudo na parte do continente hoje conhecido por América do Norte.

Acompanhando as melhores aquisições de investigadores conspícuos, torna-se fácil chegar à conclusão de que «La découvert du continent de l'Amérique septentrional en 1472-1473 par les danois et les portugais», como relata o Boletim da Classe de Letras da Academia das Sciências de Lisboa (vol. XV — 1921 — págs. 214-223), foi obra de uma expedição luso-dinamarquesa supervisionada tanto pelo navegador João Vaz da Costa Côrte-Real como por Johannes Skolvus. O estudo em referência foi realizado com base no livro «The discovery of North America Twenty Years Before Columbus», da autoria de Sophus Larsen, o qual, por sua vez, está bem evidenciado, assenta seus alicerces numa valiosa carta concebida por Carsten Grip, que desempenhou o cargo de Burgomestre de Kiel, datada do dia três do mês de Março do ano de 1551, dirigida ao rei Cristiano III da Dinamarca. E nela se sublinhava a existência de um mapa tracejando a rota da viagem ordenada pelo rei Cristiano I. Mas também se referenciava que essa mesma viagem havia sido feita a pedido do Rei de Portugal, ao tempo Dom Afonso V, (1438-1481), que, com grande pesar, em 1460, perdeu o Infante Dom Henrique, um nome imortal de que a cidade do Porto foi berço, que, de forma, desmesurada e futura, contribuiu bem para as empresas marítimas, ampliando o conhecimento do mundo e de maneira extraordinária assegurando, para todo o sempre, as páginas mais brilhantes de Portugal na história dos povos cultos, numa cristã iniciativa para o impulso de civilização dos povos até então desconhecidos.

Também conhecido vulgarmente por João Vaz, julga-se nascido no ano de 1420 e nunca depois de 1425, em Tavira, vindo a desempenhar o honroso cargo de porteiro-mor do

infante Dom Fernando, filho legítimo do rei Dom Duarte e, caso curioso, filho adoptivo do Infante Dom Henrique, chegando mesmo a ter sido o seu herdeiro universal. Ora, porteiro-mor era a pessoa encarregada do recebimento dos direitos reais, cargo anteriormente criado na corte pelo rei Dom Sancho II.

João Vaz, depois das suas proezas além Atlântico, recebeu por Carta de Doação a Donataria de Angra dos Açores, no ano de 1474 e, mais tarde, em 1483, a de Capitão Donatário da ilha de São Jorge. Por todas estas circunstâncias, passou a viver em Angra com o sentido de incrementar o comércio, propiciar a construção de obras; e, à sua custa, mandou edificar a capela-mor da igreja do convento de São Francisco, nela fazendo o seu jazigo de família, o que confere com a descrição de Francisco Ferreira Drummond, nos seus Anais da Ilha Terceira, compilação de factos descritivos de acontecimentos ocorridos desde o povoamento até 1832, tirados da documentação existente nos Arquivos locais e considerada obra realizada com escrupuloso cuidado.

Debrucemo-nos agora sobre seus filhos, de sua esposa Dona Maria Abarca, de origem fidalga e galega:

1 — Vasque Annes, sucedeu a seu pai nas Capitanias;
2 — Miguel, foi porteiro-mor del Rei Dom Manuel I;
3 — Gaspar, teve o cargo de lugar tenente de seu pai;
4 — Joanna c. c. Guilherme Moniz;
5 — Iria c. c. Pedro de Goes da Silva;
6 — Isabel c.c. Jobs de Huttra.

Da sobredita descendência de João Vaz destacaremos, dada a índole da escritura, a Vasque Annes Côrte-Real, a quem o rei fez mercê do monopólio da venda do sal na ilha Terceira e Dom Manuel I ainda lhe fez a doação dos ofícios de almoxarife e seu escrivão, juiz dos órfãos e escrivão da Câmara da ilha da Garça *que elle ora mandou descobrir,* mas não recebeu autorização de praticar outros descobrimentos marítimos por causa das mortes de seus irmãos a quem quis ir procurar, mas o monarca impediu essa decisão.

Os melhores testemunhos dos trabalhos dos mesmos irmãos Côrte-Real foram revelados por Alberto Cantino, cartógrafo que esteve em Lisboa logo no início do século dezasseis, ao serviço do duque de Ferrara, a quem escreveu a contar ter ouvido a um dos capitães dos navios de Gaspar a difícil chegada à ilha da Terra Nova, por causa dos gelos, agora diríamos «icebergs», carta publicada, já em 1883, numa memória histórica «Os Côrte-Reaes».

Também se deve ter em conta outra carta de Pietro Pasqualigo, que foi embaixador em Veneza, documento elucidativo publicado, do mesmo modo, por Henry Harrisse na sua apreciada obra «Les Côrte-Real»... dando conta do sucesso do descobrimento do navegador Gaspar Côrte-Real.

Depois segue-se o irmão Miguel, que veio a desaparecer, de quem a Carta de Mercê de 15 de Janeiro de 1502 nos dá notícia dos seus direitos de donatário, os quais seriam extensivos quanto às novas terras descobertas.

Com a sua autoridade de historiador, afirma Damião Peres, (História de Portugal, edição monumental, vol. III, pág. 593): «com os Côrte-Real, Gaspar e Miguel, estamos porém, em presença de factos documentados por todas as formas e que ninguém ousa pôr em dúvida».

Uma vultuosa verba de vinte e cinco mil dólares foi oportunamente votada pelo Departamento de Conservação de Parques Públicos do Estado de Massachusetts, dos Estados Unidos da América do Norte, para a construção de uma protecção à famosa Pedra de Dighton, que, por assim dizer, está considerada o mais importante monumento luso-americano.

O referido monumento natural, já devidamente resguardado em local seguro e urbanizado, localiza-se na margem esquerda do rio Taunton, na vizinhança da cidade de Dighton.

A pedra-monumento encontra-se agora num magnífico parque, com área de cinquenta áres, que a Sociedade Miguel

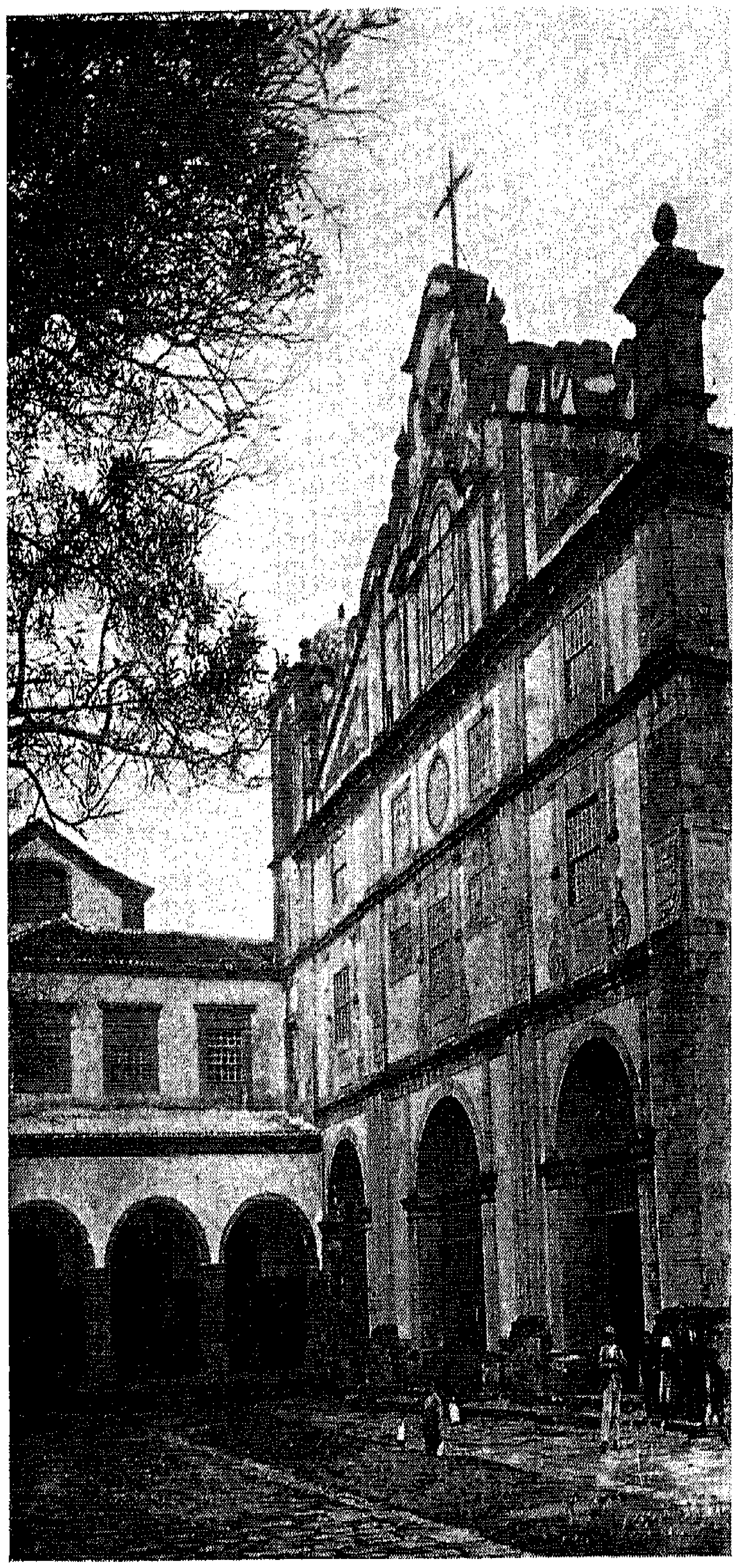
Côrte-Real patrioticamente adquiriu para instalar o histórico padrão.

Na sequência da linhagem, temos também Manoel Côrte-Real, que foi filho do citado vedor Vasque Annes, sucedeu a seu pai nas capitanias de Angra e São Jorge, era do conselho do Rei Dom João III, escudeiro fidalgo, como se transcreve da citação de D. António Caetano de Sousa, nas Provas da História Genealógica da Casa Real, (tomo II, pág. 282) e casou com Dona Brites de Mendonça, dama da Rainha Dona Catarina, descendente dos Viscondes de Valduerna.

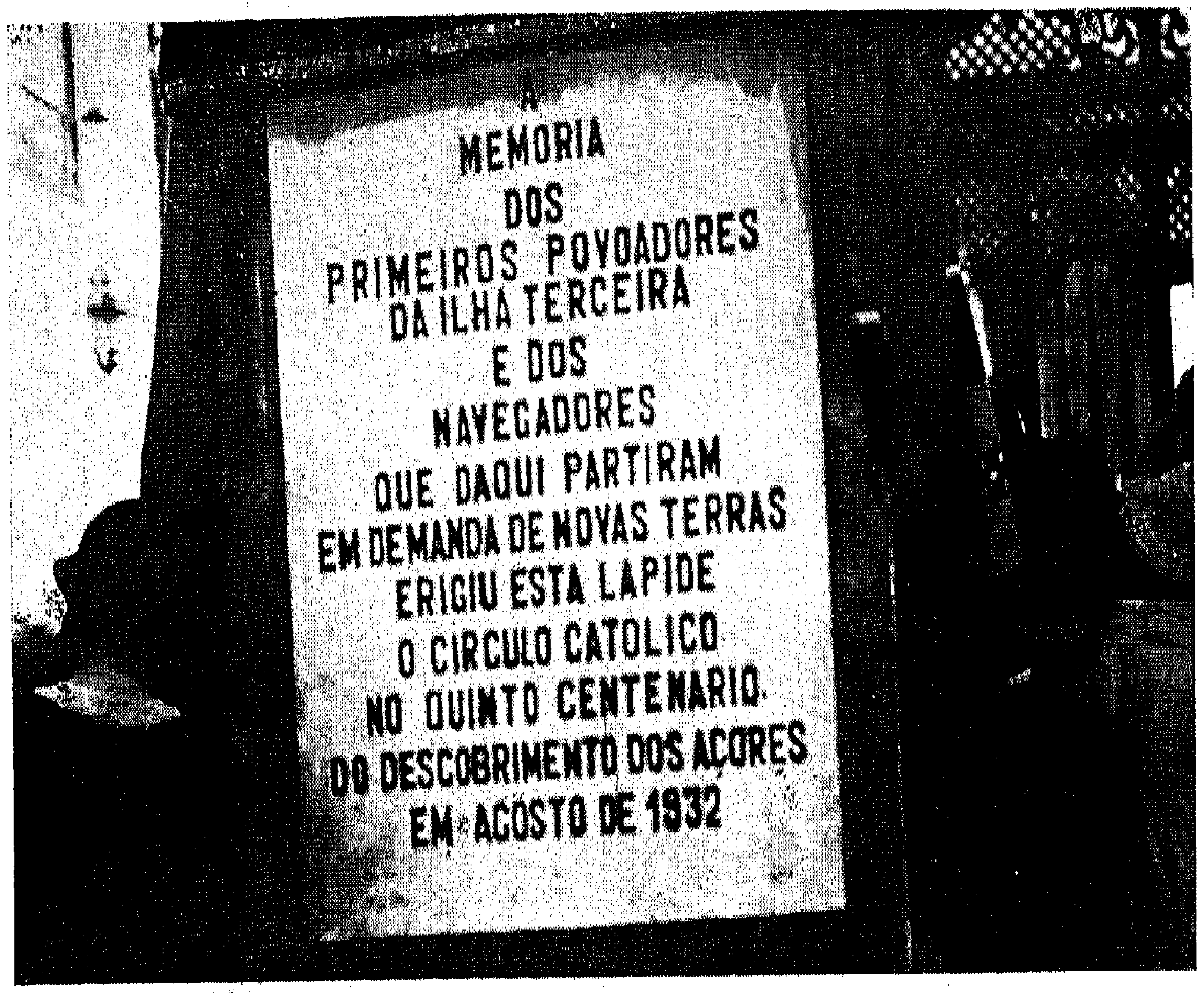
Manoel Côrte-Real, Senhor da Terra Nova, também mereceu Carta de Brasão concedida pelo Rei Dom João III, confirmando a de seu pai e cujo conteúdo diz:

> ——— *«Escudo de campo vermelho com seis costas de prata em faxa, em palas, e um chefe de prata vermelho e ouro, e por timbre um braço armado guarnecido de ouro, que sae do elmo, tendo na mão uma lança de ouro com o ferro de prata e uma bandeira também de prata de duas faxas, e n'esta uma cruz vermelha (de São Jorge); com todas as honras e privilegios de fidalgo por descender da geração dos Côrte-Reaes.* ———
> ——— *Dada em Almeirim a dez de Março de 1544. Registada na Chancelaria de Dom João III, livro XLI, folhas 16. (vide Visconde de Sanches de Baena, Archivo Heraldico, pág. 473)».*

Houve contudo uma lei que, com justificada razão, mandava no prazo de dois meses registar todas as graças e mercês régias, o que deveria ser realizado no Real Arquivo, sob pena de ficarem de nenhum efeito: mas não obstante a disposição não resultou pois poucos são os Brasões, tanto de mercê nova como de sucessão, que foram ao registo competente. A falta desta prática deu como resultado serem desconhecidas algumas concessões de armas de família.



Igreja de São Francisco, da Angra do Heroísmo, onde está sepultado João Vaz da Costa Côrte-Real, falecido em 2 de Julho de 1496.



Lápide existente na Igreja de São Francisco, em Angra do Heroísmo.

Mesmo assim e no que respeita à família Côrte-Real, o referido «Archivo Heráldico Genealógico» dá-nos a conhecer algumas das concessões de brasões registados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, das quais apenas citaremos as dos nomes a quem as mesmas se encontram atribuídas, mas sem descrevermos a composição dessas armas, assim temos:

Fillipe Alistam Telles Moniz Côrte-Real, alferes de cavalos do Regimento de Moura, natural de Silves;

Frei Doutor Francisco de Vasconcellos e Sande Côrte-Real, professo na Ordem de São Bento de Avis, doutor de capelo em Teologia, beneficiado em Santa Maria de Alcobaça, natural de Elvas;

Jacinto Homem da Cunha Côrte-Real, morador na vila de Linhares, terra da Sereníssima Casa do Infantado;

Manoel Pacheco da Costa Côrte-Real, foi-lhe atribuído brasão de armas devido à sua nobresa e fidalguia;

Jerónymo Côrte-Real, fidalgo da Casa Real;

Manoel Côrte-Real, gosou da prerrogativa da concessão do brasão de seu pai;

Manoel Maria Metello Córte-Real da Cunha e Vasconcellos, capitão-mor da cidade de Pinhel;

Paulo de Azevedo Lima Pitta «Côrte-Real», capitão e cavaleiro professo na Ordem de Cristo.

Citaremos também alguns titulares da família:

Duque de Rochera, D. Felisberto Pio de Saboia Moura Côrte-Real Spínola e La Cerda;

Marquesa de Castelo-Rodrigo, D. Margarida Côrte-Real;

Marquês de Vagos, D. José Maria Tello da Silva e Menezes Côrte-Real;

Marquesa de Aguiar, D. Maria de Mendonça Côrte-Real;

Marquesa de Tancos, D. Maria Bernardina de Mendonça Côrte-Real Sousa Tavares;

Conde de Sub-Serra e Barão de Pamplona, Manuel Ignacio Martins Pamplona Côrte-Real;

Conde de Aveiras, D. José Tello da Silva de Menezes;

Conde de Fijô, Dr. José de Castro Falcão Pinto Guedes Côrte-Real;

Visconde de Orada, António Pedro de Mendonça Côrte-Real;

Visconde de Bucellas, Cândido José Mourão Garcez Palha Côrte-Real;

Barão de Quarteira, Joaquim de Mendonça Côrte-Real.

Enfim, através dos tempos verificou-se a irradiação da família Côrte-Real por várias regiões do País e arquipélago dos Açores e, como casualidade curiosa de relembrar, vivendo ainda alguns dos seus elementos em casas próprias de seus antepassados.

Biografias dignas de serem evidenciadas se guardam nos processos das Chancelarias Reais, nos Registos das Mercês e na documentação do Santo Ofício também com interesse para os vários ramos da família Côrte-Real.

Não deixaremos de mencionar a figura mais tardia de Diogo de Mendonça Côrte-Real, que nasceu em Tavira a 17 de Agosto de 1658 e veio a morrer na sua quinta de Benfica, no dia 9 de Maio de 1736, do Conselho de Sua Magestade o Rei Dom João V, foi provedor da Casa da Índia, académico da Real Academia da História Portuguesa. Atendendo Dom João V aos grandes serviços que seu régio pai Dom Pedro II havia recebido de Diogo de Mendonça o nomeou também seu Secretário de Estado das Mercês e Expediente, tendo sido ainda Enviado Extraordinário à Côrte de El-Rei Católico Carlos II, (in Elogio Funebre por D. José Barbosa, MDCCXXXVII).

Por razões plausíveis e por matrimónios realizados, enquadrando-nos no espírito de épocas passadas, o entrelaçar de famílias resultou numa frondosa árvore genealógica, que as «Mercês à Família», cujo registo em parte existe na Colecção

Pombalina, número 669, da Secção dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, um tanto ajuda a esclarecer e poderá propiciar ulteriores estudos de investigação.

Como tentamos narrar, dado que a presente notícia é mera exposição apenas dalguns valores que se entendeu deverem ser divulgados, sacrificamos entretanto subsídios de interesse para, de algum modo um tanto satisfatório, dar a panorâmica geral e mais indicada ao presente caso.

E, como se vê, o tempo, ao decorrer, não fez esmorecer a acção dos Côrte-Real ao serviço da Pátria, nas suas diferentes posições sociais.

Como no-lo diz a «História Genealógica da Casa Real», por exemplo sobre:

1 — *António Côrte-Real de Sampayo* — V. 307.

2 — *Christovão Borges Côrte-Real* — XI. 856.

3 — *Diogo de Mendonça Côrte-Real* — Secretário de Estado, VIII. 285 + X. 840, 865, 866, 869 + XI. 514.

4 — *D. Manoel de Moura Côrte-Real* — 1.º Marquês de Castelo-Rodrigo, autor genealógico, I. App. 92 n.º 89. (Seguiu a política da dinastia da Casa de Áustria).

5 — *D. Margarida Côrte-Real* — Marquesa de Castelo-Rodrigo, XII. P. I. 350.

6 — *D. Maria Magdalena Côrte-Real* — c./c. Gil Vaz Lobo Freire, XX. P. I. 53, XII. P. I. 53.

7 — *Paula Iria Côrte-Real* — filha de Manoel Côrte-Real, X. 838.

8 — *Vasque Annes Côrte-Real* — XII. P. I. 386.

9 — *Alguns Fidalgos deste apelido* — X. 761, XI. 291.

Assim como louvor até a poesia o sublinha no

HINO CÔRTE-REAL

I

Cantemos Portugal, oh! portugueses!
— Esta pequena «praia ocidental»
que deu mundos ao Mundo e, tantas vezes,
ganhou seus nobres foros d'imortal!

Cantemos o valor audaz e forte:
— João, Miguel, Gaspar Côrte-Real,
que a América correram, Sul a Norte,
muito antes de Colombo e de Cabral!

Pátria de Heróis e de Santos;
Soldados, Navegadores
e de Sábios, afinal,
— não é de mais entre tantos,
colocar entre os maiores
os nautas Côrte-Real!

II

Essa grande proeza — grande e ousada!
que a História mal regista irresoluta,
tem sido pelo tempo respeitada
em Dighton, bem gravada em pedra bruta.

Mas doutras descobertas deram prova
batendo o imenso mar, de cá p'ra lá,
e aportando à Groenlândia, Terra Nova,
Labrador, Terra Verde e Canadá!

(Letra do saudoso poeta Silva Tavares,
e música do maestro Frederico de Freitas)

Parece-nos prudente sublinhar uma afirmação de Ernesto do Canto, no «Archivo dos Açores», na sua Memória Histórica sobre os Côrte-Reaes, quando, no capítulo I, trata da família, sua origem e descendência, que diz: «Parecerá talvez inutil e escusada esta longa serie de nomes proprios, cujo valor intrinseco só será reconhecido, por aquelles que se dedicarem ao estudo dos documentos originaes, tomando-a como guia indispensável no reconhecimento da identidade das pessoas. N'uma familia em que os mesmos nomes se repetem tão frequentemente, todos os esclarecimentos são uteis para destrinçar a inevitavel confuzão entre os homonymos». (Volume IV — 1883).

Das estirpes das pessoas já Luiz de Camões se ocupou em Os Lusíadas (III — 3), quando versejou assim:

«Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grã genealogia;
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória».

E, logo a seguir ainda acrescentou com a sua lúcida inteligência (III - 4):

«Que outrem possa louvar esforço alheio,
Causa é que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvar tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

Trata-se pois, quando se fala de genealogia, de um ramo importante da historiografia e ainda considerado como tal nos países mais cultos, onde é preocupação o estudo das origens e sequências das linhagens. A genealogia, ao presente, deve considerar amplamente os aspectos de interesse para a valorização das famílias e, deste modo, implica portanto com o seu estudo no campo do método científico, irmanado deste modo numa verdade inteira. Assim, a genealogia das estirpes nada tem de ocupar-se com a política, a que por vezes há intenção de associá-la, mas reveste-se de mais alta preocupação como forma valorativa de vários elementos que validamente sustentam as pátrias, concluindo-se com facilidade que quem a redicularizaé ignorante.

Revelar o quadro em que se insere uma família é estudo da mais alta valia, não só pelos conhecimentos que presta aos vindouros como também para estabelecer a responsabilidade de cada qual como membro descendente de sucessivas gerações. Atente-se, ainda, haver uma genealogia nobiliária de acentuadas tradições e outra popular para incrementar as famílias peãs a seguirem também na esteira de uma valorização, que aliás bastante as dignificará.

Com a preocupação de enriquecer, na medida do possível, a nossa contribuição para a divulgação de bibliografia concernente e a concluir este intróito procuramos arquivar mais alguns títulos:

História Quinhentista (inédita) do Segundo Cêrco de Dio, António Baião, Coimbra, 1927;

Resenha das Famílias Fidalgas e Grandes de Portugal, Albano da Silveira Pinto, Lisboa, 1890;

Livro de Brazoens copiados de várias peças de loiça armoriada, Augusto Cesário de Campos e Sousa;

Armorial Lusitano — Genealogia e Heráldica, direcção: Afonso Eduardo Martins Zúquete, Lisboa, 1961;

Nobreza de Portugal, direcção: Afonso Eduardo Martins Zúquete, Lisboa, 1960;

Figuras Históricas de Portugal, Bourbon e Menezes e Gustavo Matos Sequeira, Porto, 1933;

São João de Deus — Homenagem de Portugal a seu Glorioso Filho (1550-1950), Árvores Genealógicas n.os 2, por João Afonso Côrte-Real, págs. 52-53, Lisboa, 1950;

Memórias Históricas e Genealógicas dos Grandes de Portugal, D. António Caetano de Sousa, 4.ª ed., Lisboa, 1933;

Pedras de Armas que ainda existem nalgumas casas de Lisboa, José de Melo (Sabugosa), ed. C. M. L., 1945-1946;

Da Praça às Covas, Memórias de uma velha rua, Frederico Lopes, Angra do Heroismo, 1971;

Archivo dos Açôres: Os Côrte-Reaes, Memória Histórica, Ernesto do Canto, Ponta Delgada, 1883;

Chronica de D. Manoel, parte I, capítulo LI e LII, Damião de Goes;

Annaes de D. João III, pág. 208, Frei Luiz de Sousa, 1530;

Os Côrte-Reais e o Novo Mundo, Eduardo Brazão, Lisboa, 1965;

Famílias do Reino de Portugal, Jacinto Leitão Manso de Lima;

Famílias do Reino de Portugal, Belchior de Andrade Leitão;

Brasões da Sala de Sintra, Anselmo Braamcamp Freire, Lisboa, 1899.

Também não nos parece discipiendo, uma vez que, sobretudo, houve a ideia de divulgações, trazer ao conhecimento dos interessados nestes assuntos o registo de alguma bibliografia, mais recente, acerca dos descobrimentos, além da que o almirante Gago Coutinho escreveu com o firme propósito de carrear importantes elementos técnicos para o capítulo dos descobrimentos marítimos.

Deste modo e muito resumidamente anotaremos as seguintes publicações:

A Náutica dos Descobrimentos, colectânea de artigos, conferências e trabalhos inéditos do almirante Gago Coutinho, em dois volumes, numa edição da Agência Geral do Ultramar, onde se encontram imensas referências à acção dos Côrte-Reaes no mar-oceano. Destaca-se, no entanto, o estudo acerca de Gaspar Côrte-Real, lido pelo próprio autor deste artigo, em Julho de 1933, numa sessão comemorativa dos Côrte-Reaes, na sala Portugal da Sociedade Geografia de Lisboa, sob a presidência do Chefe de Estado.

Também o professor Fidelino de Figueiredo dedicou um livro ao *Estudo de História Americana* sobre Côrte-Real e nele, a seu modo, faz interpretações de certas teses.

Ninguém duvidará que, sobre estes mesmos assuntos, se poderia, só por si, escrever longo trabalho, mas neste aspecto apenas houve o intuito de mostrar um pouco do muito que, sem dúvida, haveria a dizer. E, por isso mesmo, se regista uma série de obras que, detalhadamente, descrevem os factos históricos relacionados com os Côrte-Real.

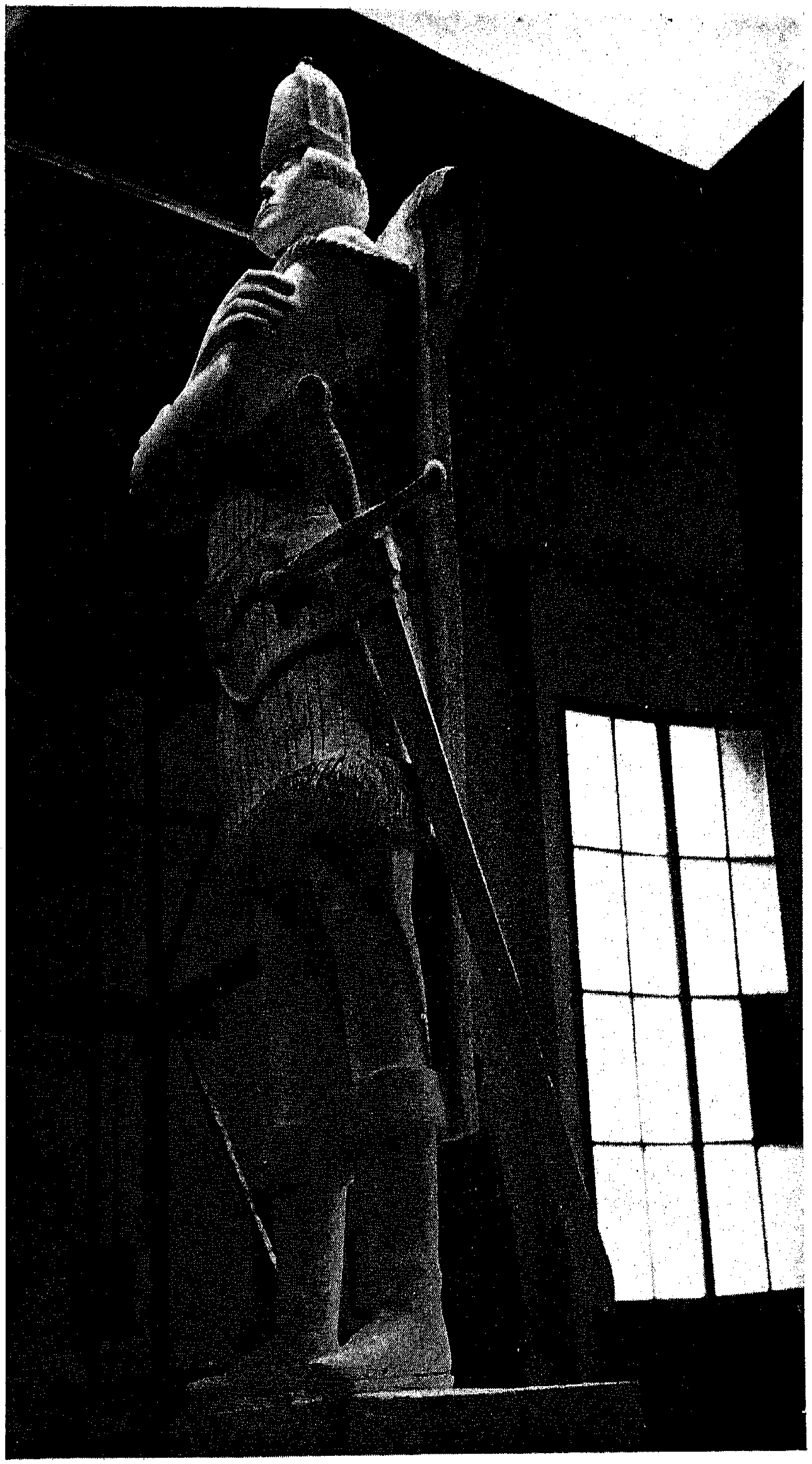
Mesmo assim e quase a finalizar acrescentaremos ainda, por causa da sua recente aparição:

La Decouvert de l'Amerique, por Marianne Mahri Lot;

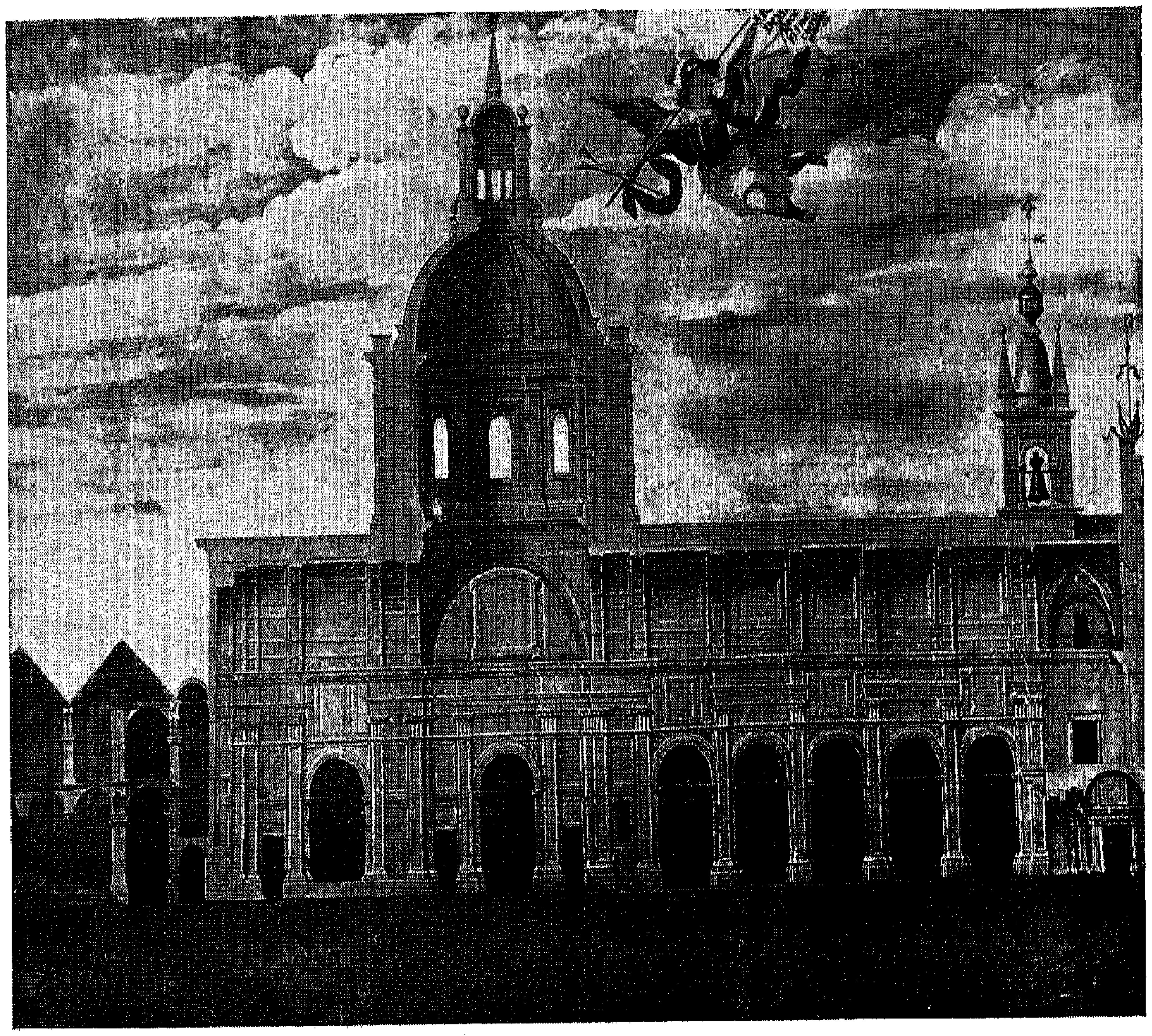
The Discovery of North America, por W. P. Cumming, R. A. Shelton, D. B. Quinn, edição monumental de Elek, London, 1972;

Miguel Côrte-Real and the Dighton Writing-Rock, por Georg F. M. Young, (Professor da «Saint Mary's University), Halifax.

Ao doutor Manuel Luciano da Silva se ficou devendo a publicação, muito ilustrada, de *Portuguese Pilgrims and Dighton Rock,* a qual mereceu um prefácio cujo título curioso: «Return Impossible» é assinado pela pena autorizada de T. Steven Tegu, professor do Rhode Island College.



Navegador Gaspar Côrte-Real, da autoria do professor-escultor Martins Correia, estátua oferecida pelo Governo Português à cidade de São João, da Terra Nova, em 1965.



No Palácio de São Bento (antigo convento).

... *«A capella môr estava dada ao Marquez de Castelo Rodrigo Dom Manoel de Moura»* ... mandando (de Roma) *«muytas pedras & jaspes de varias cores»*, in Joaquim Leitão — O Palácio de São Bento, pág. 60. E ... *«Por alvará de contracto entre o 2.º Marquez de Castelo-Rodrigo, Dom Manoel de Moura Côrte-Real, Embaixador em Roma, por Filipe IV de Espanha e III de Portugal»*, ... tendo feito à capela a doação de 30 mil cruzados. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Chancelaria de Filipe III, L.º 38, fl. 53 v.

Deve-se à *Inscrição da Pedra de Dighton,* publicada no Arquivo Histórico da Marinha (Lisboa, 1934), da autoria de J. M. Cordeiro de Sousa, todo este reflexo de esclarecimento e com base na observação «in loco» aos defensores estrangeiros da inscrição.

Esta exposição concisa pretende sobretudo tirar de velhos textos ou de curiosas referências, alguns dos primeiros nomes, também ao sabor do acaso, que explicam a forma como se evidenciaram ao serviço da nação:

Vasco Anes Côrte-Real ..	Primeiro homem a tomar a praça forte de Ceuta.
Gil Vaz da Costa	Também batalhou em Ceuta, onde foi armado cavaleiro por D. Pedro de Menezes.
João Vaz Côrte-Real	Capitão donatário da Angra em 1474 e da ilha de São Jorge em 1483.
Vasco Anes Côrte-Real ..	Confirmado no ano de 1497 nas Capitanias de Angra e de S. Jorge.
Miguel Côrte-Real	Porteiro-mor do rei D. Manoel I e temporariamente residiu em Angra.
Gaspar Côrte-Real	Teve doação de algumas terras de sesmaria por parte de seu pai. Morreu também no serviço dos descobrimentos marítimos.
Manoel Côrte-Real	Do Conselho do Rei D. João III, foi escudeiro fidalgo com moradia. Sucedeu nas Capitanias de Angra e São Jorge.

Não é quase possível nem sequer se tornaria necessário alongar mais as listas de nomes, pois apenas se quis dar

um pequeno aparato para ilustrar estas linhas de divulgação do objecto deste artigo. Mas, mesmo assim, não resistimos à simples citação de: Alexandre Martins Pamplona Côrte-Real, filho do 8.º Morgado da Casa da Volga, natural da ilha Terceira e irmão do Conde de Sub-Serra. António de Mendonça Côrte-Real, que foi Governador de Macau. António Ramos Moniz Côrte-Real, que fundou o mensário «O Correio da Terceira» e o padre Rogério da Costa fez-lhe a Oração Fúnebre (Angra, 1878). Augusto de Castro Sampayo Côrte-Real, diplomata, académico e escritor, e durante largos anos director do «Diário de Notícias». Francisco Augusto Sande Côrte-Real, lente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Francisco Pereira da Luz Côrte-Real, general que, em 1891, conseguiu dominar a revolta militar do Porto. D. João Côrte-Real, prelado em 1536. João de Macedo Côrte-Real, sargento-mor engenheiro da capitania de Pernambuco e lente da aula de Fortificação. Lázaro Soares de Almeida Côrte-Real, capitão do Regimento de Lagos e condecorado com a Cruz de Ouro das cinco campanhas da Guerra Peninsular. Cónego Miguel de Ataíde Côrte-Real, visitador do bispado do Algarve «et coetera».

COSTAS CÔRTE-REAES

Ainda do «Nobiliário de Famílias de Portugal» de Felgueiras Gayo, tomo XII, impressão diplomática do original manuscrito, existente na Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, edição de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araújo Affonso, págs. 234 a 242:

I	*Vasco Anes da Costa*	§ 1.º	1	Cavaleiro honrado de Tavira, nos reinados de Dom Fernando I e Dom João I.
II	*Vasco Anes Côrte-Real* ...	id.	2	Primeiro Côrte-Real.
III	*João Vaz Côrte-Real*	id.	3	Porteiro-mor do Infante Dom Afonso.
IV	*Vasco Anes Côrte-Real*	id.	4	Vedor do Rei Dom Manoel I.
V	*Manoel Côrte-Real*	id.	5	Senhor da Casa de seu pai.
VI	*Vasco Anes Côrte-Real*	id.	6	Senhor da Casa de seu pai.
V	*Bernardo Côrte-Real*	§ 2.º	7	Alcaide-mor de Tavira.
VI	*Jerónimo Côrte-Real*	id.	8	Casou com fidalga biscainha.
IV	*Miguel Côrte-Real*	§ 3.º	9	Porteiro-mor do Rei Dom Manoel I.
II	*Gil Vaz da Costa*	§ 4.º	10	Fronteiro do Algarve.
III	*Vasco Anes da Costa*	id.	11	Senhor da Casa de seu pai.
IV	*Gil Vaz Côrte-Real*	id.	12	Casou com Guimar Serrão.
V	*Tristão Costa*	id.	13	Casou com Catarina Rodrigues (?).
VI	*Gil Vaz Côrte-Real*	id.	14	Casou com Leonor de Brito.
IV	*Pedro Vaz Côrte-Real*	§ 5.º	15	Casou com D. Simoa Pessanha.
V	*Miguel Côrte-Real*	id.	16	Casou com D. Genebra Viegas.
VI	*Vasco Anes Côrte-Real*	id.	17	Casou segunda vez com D. Izabel ...
VII	*Miguel Côrte-Real*	id.	18	Casou com D. Izabel de Briteiros.
IV	*Fernão Vaz Côrte-Real*	§ 6.º	19	Casou com Justa de Goys (filha de madeirense).
V	*Pedro Côrte-Real*	id.	20	Casou com D. Izabel (filha do comendador de Casella).
VI	*Brites de Melo*	id.	21	Filha de Pedro Côrte-Real.

VII	*Pedro Vaz Côrte-Real*	id.	22	Casou com D. Ignez de Noronha.
IV	*João Vaz Côrte-Real*	§ 7.º	23	Morou em Lagos.
IV	*Fernão Vaz Côrte-Real*	§ 8.º	24	Casou com Joana Viegas.
III	*Diogo da Costa*	§ 9.º	25	Casou com D. Brites, filha do Chanceler da Casa do Civil, Dr. Álvaro Pires Vieira.
IV	*Francisco da Costa*	id.	26	Casou com D. Filipa, filha do Alcaide-mor de Faro, Nuno Barreto.
V	*Álvaro Barreto*	id.	27	Casou com D. Catarina, filha do Feitor da mina, Ruy Leite.
III	*João Vaz da Costa*	§ 10.º	28	Casou com Mayor de Olhoa.
IV	*Vasco Anes Côrte-Real* ...	id.	29	Casou com Catarina da Fonseca.
V	*Diogo da Costa*	id.	30	Casou com Brites de Mendonça.
I	*Manoel da Costa Côrte-Real*	§ 11.º	31	Natural de Braga, casou em Arganil no ano de 1517.

Família, de características históricas, oriunda do sistema considerado de culto de tradição, conseguiu transformar as bases de patriarcal usança em sucessivas gerações, aceitando as novidades úteis, atraída pela cultura, mas de princípios integrados na educação, na religião e no trabalho e, por via de regra, sustentando quanto possível a propriedade individual, o bom nome de seus ancestrais e, de um modo quase geral, realizando uma vida prestável no desejo de bem servir.

Outro subsídio de interesse é a transcrição que a seguir fazemos a propósito dalgumas das mercês de moradias.

LIVRO DAS MORADIAS DA CASA DO REI DOM MANOEL I

Vasco Anes Côrte-Real	Cavaleiro do Conselho
Manoel Côrte-Real	Moço Fidalgo
Francisco Côrte-Real	id.
Miguel Côrte-Real	id.
Jerónimo Côrte-Real	id.
Bernardo Côrte-Real	Id.
João Côrte-Real	Id.
João Vaz da Costa Côrte-Real ...	Id.
Miguel Côrte-Real	Id.
Manoel Côrte-Real	Id.
Manoel Côrte-Real	Id.
Pero Côrte-Real	Id.
Pero Côrte-Real	Id.
Tristão da Costa Vaz Côrte-Real	Id.
Vasco Anes Côrte-Real	Id.
Vasco Anes Côrte-Real	Id.

Para a contribuição de um conhecimento detalhado das diferentes biografias, do ponto de vista histórico, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e os documentos, que são muitos e inéditos, existentes ainda na posse dos vários ramos da família como, entre outros, manuscritos, costados, nobiliários, assentos genealógicos, registos de gerações, cartas de brasão de armas, epistolário, doação, mercês, bibliografia, além de cartas régias, títulos autênticos de padrão e certos documentos dignos de estudo aturado.

Como tantas outras famílias portuguesas, a de Côrte-Real, de um modo geral, tem estado sempre presente em todos os sectores da vida nacional desde o século XV (1415), servindo os interesses pátrios. E, portanto, recordamo-la a servir na advocacia, aeronáutica, comércio, diplomacia, edilidade, funcionalismo civil, igreja, indústria, lavoura, magistério, magis-

tratura, marinha, medicina, política, professorado, proprietariado e na vida artística, para não irmos mais além.

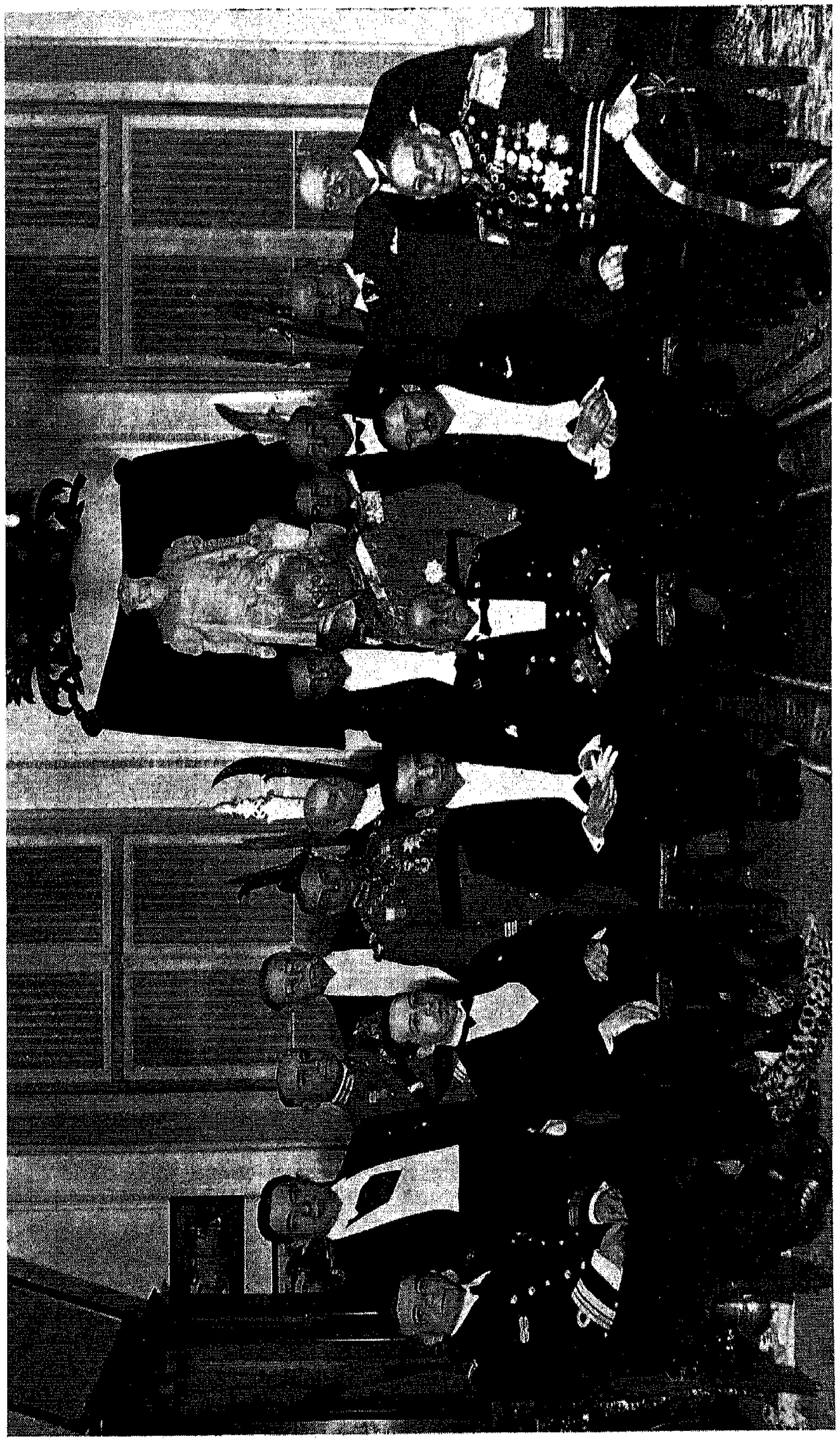
Neste pequeno escrito não seria possível mais longa descrição a testemunhar, por assim dizer, a caminhada Côrte-Real através dos tempos, mesmo para aqueles que nunca tenham pensado em tal facto, pois depressa se dá conta da mesma família na comparticipação activa da vida nacional, a partir de empresa tão importante que alongou as fronteiras portuguesas a outros continentes.

Poderíamos dizer à laia de esclarecimento que, embora recorrendo a fontes de diversas origens informativas, bastante mais haveria a acrescentar, mas ao condensar imenso, em obediência compreensiva às exigências provenientes do espaço, teve de se abandonar a temática comum à enorme quantidade de episódios ocorridos, em serviços esforçados, para engrandecimento da nossa pátria, o que, mesmo assim, se apercebe claramente do exposto.

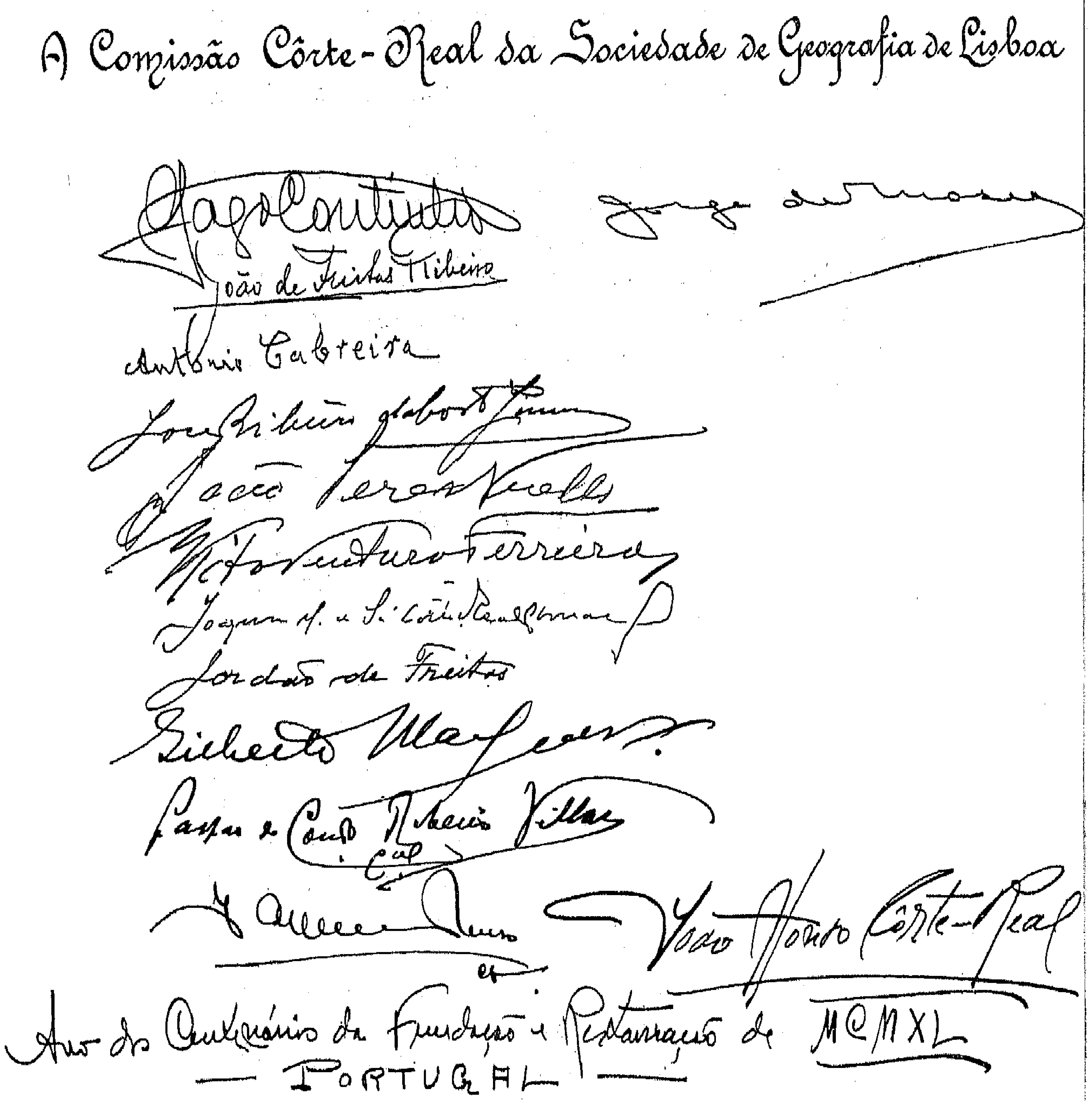
Com efeito, decidimos sublinhar aqui e além, como princípio de tentativa de mais largo empreendimento deste género; e, com esse mesmo objectivo, dar desde já a conhecer a obra de família que, nas devidas proporções, se ajusta, numa das suas facetas, à da chegada a terras do noroeste e cuja repercussão, hoje em dia nos Estados Unidos da América do Norte, mesmo com o desprezo a que temos votado o «discutido» empreendimento histórico, segundo as teses propostas por investigadores estrangeiros, ainda convirá recuperar.

Usando linguagem internacional pode corroborar-se na frase: «The Portuguese have tradicionally hilden their light under a bushel and the best example of this is in the history surrounding the explorations across the Atlantic Ocean before, during and after the time of Christopher Columbus».

O assunto não é novo mas veio a propósito ao sermos convidados para, de uma forma resumida, dar tanto quanto possível uma penorâmica da posição, através dos tempos, dalguns Côrte-Real, tanto nas suas acções em Portugal, nos



A Comissão Côrte-Real da Sociedade de Geografia de Lisboa



Comissão Côrte-Real da Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1940.

Presidente, almirante Carlos Viegas Gago Coutinho, ladeado dos ministros de Marinha contra-almirante Manuel Ortins de Bettencourt; da Educação Nacional, professor doutor António Carneiro Pacheco; e, na primeira fila, (sentado), comandante Jaime do Inso; dr. Gilberto Marques; e, comandante Henrique Quirino da Fonseca. Na segunda fila também partindo da esquerda dr. Almeida Eusébio (antigo ministro da Justiça), tenente-coronel dr. Estaislau de Almeida, António Telles Machado, tenente-coronel prof. José da Costa Júnior, eng. João Perestrello, Jorge Moser, coronel professor José do Couto Ribeiro Vilas, João Afonso Côrte-Real (secretário da Comissão), coronel-engenheiro Carlos Roma Machado (secretário-perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa), dr. Jordão de Freitas e dr. António Cabreira (Conde de Lagos).

Açores ou mesmo nas províncias ultramarinas e até nas comunidades portuguesas e desde há séculos.

Exemplificando, no Brasil, nos Estados Unidos da América do Norte onde viveu em New Bedford, Francisco Moniz Barreto Côrte-Real, do ramo açoreano que, em novo, no princípio deste século, pretendeu explorar o Atlântico até a Terra Nova num pequeno barco de papel prensado existente na capitania da Angra do Heroísmo, mas foi a tempo impedido de tal proeza.

No Brasil, entre outros, viveram no princípio do século dezanove as irmãs de Alexandre José Teles de Almeida e Macedo Côrte-Real, Dona Mariana do Resgate e Dona Maria da Luz, filhas de Feliciano António Teles Côrte-Real, casado com Dona Maria José de Almeida e Macedo Côrte-Real, oficial do Exército que como partidário do rei Dom Miguel I o acompanhou até à convenção de Évora-Monte. Por sua vez este era filho de Alexandre José Teles Moniz Côrte-Real, afilhado de Diogo de Mendonça Côrte-Real, ministro do Conselho da Fazenda. Este ramo da família, natural do Algarve (Silves), passou a Lisboa na pessoa do coronel e guarda-mor de saúde Maurício de Almeida Castelo-Branco Côrte-Real, natural de Algoz, filho do capitão Manuel Teles Côrte-Real e de D. Marta Fradeça de Mendonça, professo na Ordem de Cristo, casado com D. Magdalena Jacinta Freire de Andrade e pai de Florêncio António Teles de Almeida Côrte-Real, casado com Dona Ana Joaquina Angélica Xavier da Costa, em 24 de Junho de 1747, teve a mercê do hábito de Cristo em 27 de Abril de 1762, e como provedor da Alfândega do Tabaco de Lisboa, assistiu ao terramoto de 1755 e «com grande desacomodo não abandonou o lugar, assistindo mais de um ano de manhã até a noite na factura da Alfândega» e o seu outro filho chamou-se Raymundo Ignácio de Almeida Castelo-Branco Côrte-Real.

Segundo o depoimento do visconde de Sanches de Baena, no seu Archivo Heraldico-Genealogico, deparamos a página LIII com a descrição que confirma as restantes e encontra-se assim

redigida: Côrte-Real. Procede esta família de Vasco Annes da Costa Côrte-Real, alcaide-mor de Tavira, que foi fidalgo de grandes prendas e valor: achou-se na tomada de Ceuta; em Inglaterra teve um grande desafio com outro, que trazia por divisa a cruz de São Jorge; procedem d'elle muitas casas titulares, e de senhores d'este reino.

São suas armas as mesmas dos Costas, seis costas de prata em campo vermelho, firmadas e postas em duas palas, com um chefe de prata e n'elle a cruz de S. Jorge, que é vermelha; timbre um braço armado de prata, com uma lança de ferro com haste de oiro, e n'ella enfiada uma bandeira de prata com a cruz de S. Jorge vermelha e a lança enristada.

Acham-se no livro de brasões de Armas do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, fl. 15.

Alguns dentre os diferentes familiares desta linhagem, que desde o século quinze se entrelaçam nos diversos ramos do mesmo tronco Côrte-Real, têm sido sobretudo agregados pelos seguintes apelidos: Albuquerque, Almeida, Almeida e Macedo, Amaral Beja, Castello-Branco, Castro, Castro Mattoso, Costa, Fernandes, Forte, Garcez Palha, Homem da Cunha, Landerset, Mello, Mendonça, Metello, Moniz, Moniz de Sá, Pádua, Pamplona, Pereira, Pereira Campos, Pinho, Quadros, Sacadura Botte, Saraiva, Serpa, Telles e Telles Moniz, etc.

Enfim, enquadra-se a família Côrte-Real no tipo das famílias instáveis, dadas as circunstâncias da divisão de bens imobiliários pelas respectivas descendências que, por ordem natural da vida, se foi desagregando por todo o território e assim originando vários ramos genealógicos. Mas perpectuou-se e activa prossegue com a sua natural contribuição para o desenvolvimento do País.